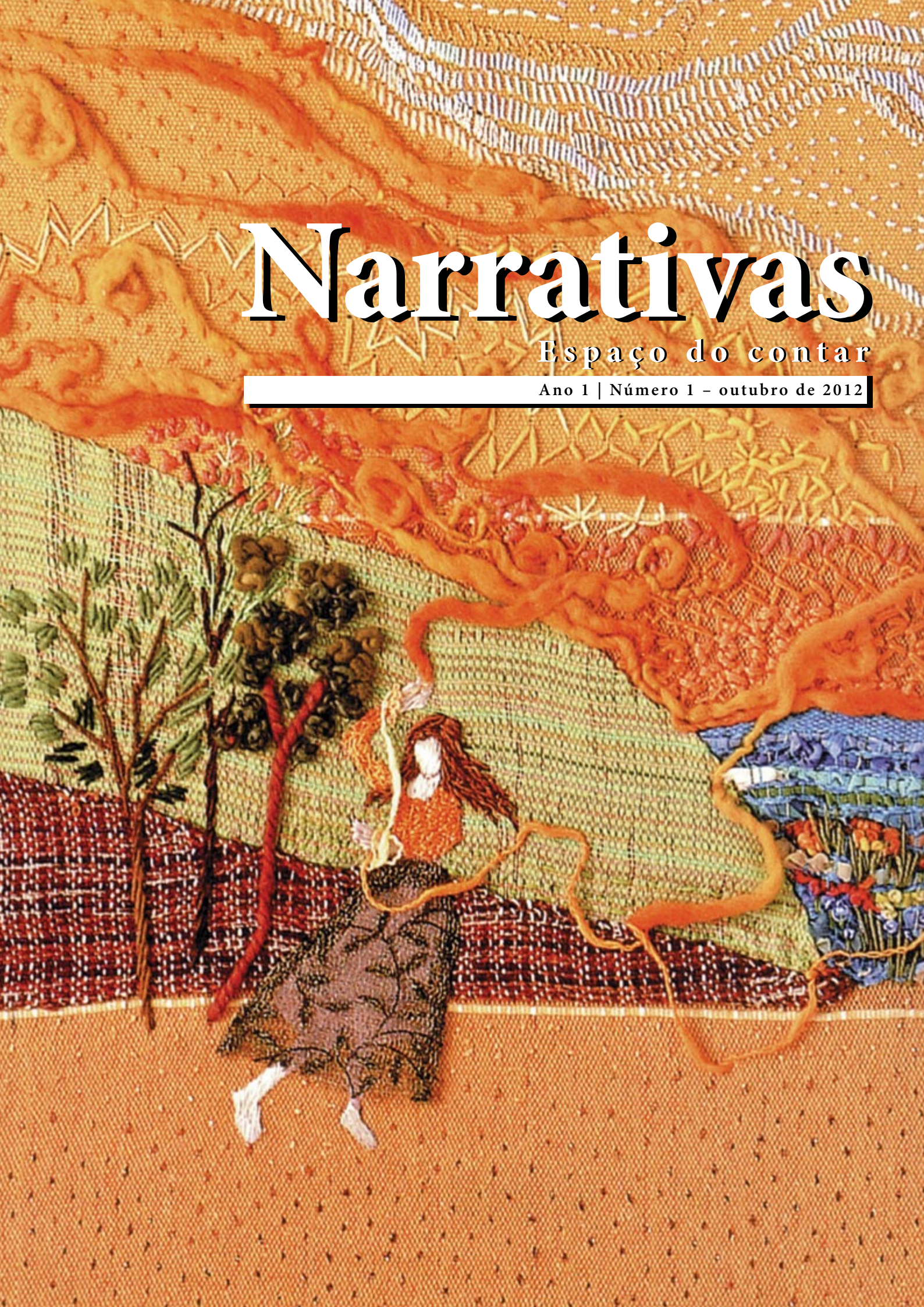


Narrativas

Espaço do contar

Ano 1 | Número 1 - outubro de 2012



Narrativas

Espaço do contar

Ano 1 | Número 1 - outubro de 2012

EDITORIAL

A moça tecelã, belíssima metáfora construída por Marina Colassanti, ilustra, não à toa, a capa da nossa 1ª edição de *Narrativas*, publicação que nasce de uma história bordada por muitas mãos.

Na Aldeia, ninguém tece sozinho. Cada um com seu fio, com sua cor, entra na composição de uma teia de relações que ampara um coletivo, sem, contudo, abandonar as partes que o compõem.

Aqui, somos todos, meninos e “nem tão meninos assim”, convidados a pensar na vida como um grande texto, uma grande narrativa, onde cada vírgula, cada acento, cada escolha ocupa o lugar de mais um fio na construção da tessitura de nossas existências.

Aqui, o narrar é o caminho escolhido para a construção de sujeitos, para a elaboração de identidades num tempo em que o mercado e as mídias concorrem por nos fragmentar e nos tornar fluidos.

Narrativas é, portanto, o lugar em que confiamos poder resguardar o registro de nossas histórias individuais e coletivas. Inspirados pela estética da literatura, sabemos que nesse espaço a liberdade embala o ritmo do “ir e vir” da roca, do tempo, da vida.

Silvana Mansur Assad

A Moça Tecelã, texto de Marina Colassanti, com bordados de Ângela, Antônia, Zulma, Marilu, Martha e Sávvia Dumont sobre desenhos de Demóstenes Vargas.

Sobre HISTÓRIA E LITERATURA

Pedaços de leitura, leitura compartilhada. As páginas que seguirão a esta são exatamente isso. Fragmentos. Partes do trabalho de um ano apresentando (e aprendendo) a intimidade entre as primas-irmãs História e Literatura em uma oficina criada para este justo fim. Todo o processo contou com a livre participação dos alunos, não houve prêmios, nem acréscimos de estrelas no boletim.

Foram cinco os projetos em que houve registro escrito, dentre os quais selecionamos alguns textos dos próprios alunos. Como norte, a preocupação em ler um universo literário que não se resume ao texto e ao autor, que é também produto social. Individual e coletivo, simultaneamente.

Em *Narrativas*, cada um dos projetos se apresenta com um dossiê.

O primeiro projeto, “A flor mais grande”, baseado em uma história para crianças, foi a certidão de nascimento da oficina, por isso mais tímido, mais conciso. O tempo tratou de fazer esta flor desabrochar.

“Qual seria nossa sentença?”, o segundo projeto, mostrou crescimento, visão crítica. Aqui se tornou evidente que a literatura, mesmo a forma como expressamos nossos sentimentos, são demandas coletivas e sujeitas à censura.”

O projeto que dá sequência, “Brasis”, une a poesia de cada dia às riquezas da terra, assim mesmo, no plural como as gerações que aqui cresceram.

Passada esta adolescência, encontramos a primeira percepção de maturidade com “O eu profundo e os outros eus”, projeto que navegou sobre a obra de Fernando Pessoa. O espanto com a múltipla personalidade do poeta – e nossa – rendeu o trabalho mais participativo do ano e a criação de nossos heterônimos.

Com a última proposta, “Os Vigilantes”, adentramos no mundo da política e batemos de frente com as tramas do poder. A noção de que somos seres imersos na coletividade foi um brinde à mente criativa.

Um agradecimento especial a Silvana, nossa “rainha”, e ao colégio pela iniciativa da oficina. Espero que a felicidade que senti ministrando se materialize nesta revista.

Então, leitor, prepare-se. Você encontrará não apenas escritos dos alunos do 9º Ano, mas textos assinados por suas outras personalidades, seus heterônimos, e até trabalhos que preferiram manter-se no anonimato. Sabem como são os artistas, não é? Vamos a eles.

Mateus Bertolino

SUMÁRIO

6

DOSSIÊ A FLOR MAIS GRANDE

11

DOSSIÊ QUAL SERIA NOSSA SENTENÇA?

14

DOSSIÊ BRASIS

18

DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

23

DOSSIÊ OS VIGILANTES

DOS AUTORES

“Adorei vários projetos da Oficina de História e Literatura. O que eu mais gostei foi a criação dos heterônimos. Nós criamos um outro ‘eu’ que vê, sente e entende as coisas diferente de nós mesmos e isso é muito bom já que esses ‘eus’ fazem com que todos pensem duas vezes e de duas maneiras diferentes sobre o mesmo assunto.”

João Pitta

“Fizemos muitos trabalhos, gostei de todos. Foi muito bom criarmos vários textos divertidos. Gostei mais dos textos em que criamos poemas.”

Igor Chiarello

“O melhor trabalho foi o dos heterônimos, ele foi um dos que nós podemos nos inspirar em outros autores. Foi como viver uma vida paralela, por isso foi o melhor trabalho.”

Igor Ioshikawa

“Nas aulas de história e Literatura nós fizemos vários trabalhos divertidos, como por exemplo o dos heterônimos, o dos poemas e o da censura. Achei interessante, pois foram todos trabalhos dinâmicos. Além disso, às vezes escutamos músicas relacionadas a nossa matéria.”

Marina Godoy

“Foi uma experiência muito diferente, nunca tive contato com textos assim, é incrível como as palavras podem nos passar tantos sentimentos. Foi muito bom ter esta matéria.”

Fernando Ayres

“Na minha opinião, as propostas apresentadas para a oficina foram criativas e bem desenvolvidas. A minha preferida foi a que nós criamos heróis, ‘se os vigilantes nos vigiam, quem vigia os vigilantes?’. Ela nos fez refletir sobre o assunto criando ou usando algo real para responder.”

João Leite

“Bem, eu gostei muito das oficinas, mas a melhor foi o da censura, porque tínhamos que ‘enganar’ o professor com nosso texto e não deixar ele ser censurado.”

Saul Camacho

“História e Literatura, dois importantes assuntos para a nossa cultura. Importante para conhecermos melhor o que contam as pessoas que viveram os momentos da história do nosso país e que nos inspiram a fazer nossa própria.”

Essa oficina nos dá a possibilidade de aprender um pouco sobre a arte e nos incentiva a ter a criatividade de produzir também a nossa própria.”

Laura



Leandro
Pedro

DOSSIÊ A FLOR MAIS GRANDE

E como este menino era especial de história, achou que tinha que salvar a flor. Mas que é da água? Ali, no alto, nem pinga. Cá por baixo, só no rio, e esse que longe estava!... Não importa.

José Saramago, "A Maior Flor do Mundo"

Como uma flor tão frágil chegou a tamanha altura? A partir do livro de José Saramago, "A Maior Flor do Mundo", e da animação de mesmo nome, levamos a frente a discussão sobre o papel da literatura para as crianças. O escritor português, conhecido pelo Nobel de Literatura de 1998, tenta neste livro infantil contar uma história com que sempre sonhou e nunca teve a capacidade de escrever. Cabem aqui as perguntas feitas pelo próprio autor:

"E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?"

Tomando a flor como uma metáfora universal para o poder de certos valores humanos, produzimos outras histórias, que cresceram e deram vida a novos jardins. No fundo, acabamos por seguir a vontade de Saramago, expressa nas últimas páginas do livro:

"Quem sabe um dia virei a ler outra vez esta história, escrita por ti que me lêes, mas muito mais bonita?..."

A maior generosidade do mundo

Em uma quase cidade urbana, no nordeste do Brasil, um jovem voltava de seu trabalho como agricultor. Passou então por um homem de rua, um mendigo. Olhou-o, encarou e passou direto sem nem fazer nada.

Todo dia era assim, ele voltava do trabalho, passava pelo mendigo, e continuava o caminho de casa. Em sua cabeça, o jovem homem imaginava como aquele homem idoso conseguia sobreviver com apenas alguns trocados.

Chegou em casa naquele dia e comentou do mendigo para a mulher. Ela, uma linda moça que havia morado com os pais no sudeste do

Brasil por uns anos, pouco se importou com o homem da rua.

Mas não era assim que seu marido pensava. No dia seguinte, voltando de seu trabalho, deu ao mendigo um saco de frutas e verduras que havia roubado do trabalho e um cobertor que sua mulher não usava mais. Ao ver o sorriso do mendigo, sentiu-se como se tivesse feito a maior e melhor generosidade do mundo. O mendigo ficou feliz, e o homem voltou à sua casa.

Ao chegar em casa, recebeu a notícia de que tinha sido demitido do trabalho por roubar as

frutas e sua mulher, estressada, expulsou-o de casa por ter pegado o cobertor.

Conseguiu sobreviver exatamente uma semana nas ruas. Até que um dia, um velho, porém elegante homem, passava por ali e parou em frente ao jovem moço. O velho elegante era o mendigo que, por causa de generosidade do jovem, conseguiu reconstruir sua vida.

Para retribuir a generosidade feita pelo antigo agricultor, o não mais mendigo ofereceu-lhe um novo emprego e moradia. O jovem feliz aceitou.

E assim conseguiu tornar sua vida simples de agricultor em uma vida melhor, e mais emocionante, e tudo por causa da maior generosidade do mundo.

Por Isadora L., Igor A., Joaquim e Luísa V.

Era uma vez um menino acompanhando seus pais em uma aldeia.

Ao chegarem na aldeia, os pais do menino foram fazer seu trabalho. Enquanto faziam as casas deles, o menino estava passeando em volta do lugar. Porém, quando ele estava se aventurando, ouviu um barulho estranho, um barulho que parecia com o som de um pássaro.

O menino estava curioso, foi, então, averiguar o que era aquilo. Ao chegar ao local, o menino se espanta, pois ele vê no chão uma ave, mas não era uma ave qualquer, era um águia, uma bela e grande ave, mas ela estava machucada, com a asa quebrada, para ser mais exata.

O menino com muito cuidado a pegou em seus braços e disse:

- Não se preocupe, eu irei cuidar de você!

Rapidamente, antes que o sol se fosse, o menino juntou algumas folhas e fez um tipo de "cama" para a águia adormecer. Antes que ele pudesse fazer algo a mais, os pais o chamaram.

No dia seguinte o menino tentou explicar aos pais

sobre a águia e disse que queria cuidar dela, mas os pais não o compreenderam e disseram:

- Meu filho, é só uma águia, não tem necessidade de fazer isso.

- Vocês não entendem, ela está ferida, sozinha, e não tem ninguém para ajudá-la.

- Mas meu filho, você sabe que eu e sua mãe temos medo de te perder, e se acontecer alguma coisa com você... nem quero pensar!

- Mas pai, por favor!

Mas nada do que o menino dizia adiantava. Até que um dia ele não aguentou mais, resolveu sair de casa e não voltar mais. Ele queria ajudar a águia, pois sabia que isso era o certo a fazer. Então, lá foi ele, fugiu de casa, atravessou os bosques assustadores, um rio perigoso, enfrentou muitos obstáculos, mas nada disso afastou de sua cabeça ver a águia. Pareciam meses e meses na floresta, mas nada o impediu.

Enquanto o menino estava em sua longa jornada, os pais olharam pelas janelas, pelos quartos, e nada...

- Onde está o nosso filho?? - disseram o pai e a mãe que já sentiam sua falta. Na verdade, havia

se passado apenas 40 minutos...

O pai logo em seguida falou:

- A águia!
- Águia?- perguntou a mãe.
- Sim, ele deve estar com a águia.
- Meu Deus, e se algo acontecer com ele? Você deixou ele ir sozinho até lá?
- Não, acho que ele fugiu enquanto nós fazíamos nossas tarefas.

E assim foram procurar o filho, passando pelas florestas, bosques, mas quando chegaram no rio não sabiam para que lado ir, foram para um lado que tinham certeza que o menino tinha ido, mas eles estavam errados, o menino tinha ido para o outro lado.

Ele já sabia que estava chegando perto de sua amiga águia, pois a sentia de algum jeito, a força de vontade dele era maior que tudo nesse momento.

Enfim, ao atravessar a enorme floresta, lá estava ela... no mesmo lugar de antes.

Ao chegar perto da águia, o menino a curou, de algum jeito a águia o agradeceu. Quer saber como? Bom... quando ela estava curada, abriu suas enormes asas e voou, voou lindamente

para o menino e logo em seguida pousou suavemente ao lado e encostou sua cabeça em seu ombro. O menino acabou adormecendo ao lado de sua grande amiga.

Os pais, preocupadas, mas com cada vez mais esperanças de encontrar o menino, pararam e começaram a perceber que estavam no caminho errado.

O pai então falou:

- E se nós nos enganamos? E se fomos pelo caminho errado?
- Claro que não! Este é o caminho certo. - respondeu a mãe.
- Mas ele não está aqui, com certeza estamos no caminho errado.

E depois de muita discussão entre os dois, voltaram e foram pelo caminho certo, preocupados com a escuridão da noite, pois já estavam no pôr do sol. Ao chegarem no último obstáculo, ficaram deslumbrados com o que viram.

O menino deitado ao lado da águia e a águia deitada ao lado do menino. Perceberam o quanto ela era importante para o ele: o menino estava sorrindo enquanto dormia.

Pai e mãe sentaram e sentiram a felicidade do filho.

Por Marina Godoy



DOSSIÊ QUAL SERIA NOSSA SENTENÇA?

“Nas largas costas negras e mestiças brilhavam gotas de suor. Os pescoços musculosos iam curvados sob os fardos. E os guindastes rodavam ruidosamente. Um dia iria fazer uma greve como seu pai... Lutar pelo direito... Um dia um homem assim como João de Adão poderia contar a outros meninos na porta das docas a sua história, como contavam a de seu pai.”

Jorge Amado, “Capitães da Areia”

Jorge Amado completa neste ano de 2012 seu centenário de vida. O escritor baiano nos deixou uma vasta obra, conhecida em todo o mundo. Alguns de seus clássicos já ganharam versões para cinema e TV, o que o tornou ainda mais popular. Todos nos encantamos com a bela Gabriela e rimos com as trapalhadas de Dona Flor e seus dois maridos. Entretanto, ao lado do Brasil sensual e divertido, lemos em suas páginas a indignação com a miséria e a denúncia de um Brasil outro, segregado e injusto. Denúncia esta que durante os anos de repressão do Estado Novo (1937-1945) lhe rendeu a censura de um dos seus maiores sucessos, “Capitães da Areia”.

O que torna um texto passível de censura? Como fugirmos dela? Após a leitura de trechos da história destes “capitães”, nos colocamos estas indagações e confeccionamos textos em código e tratamos de temas polêmicos em diversos momentos da história. Qual seria nossa sentença?

Apesar de você

Estamos vivendo um século de tremendo absurdo, onde somos obrigados a crer naquilo que não acreditamos. Centenas de mortes e mais centenas de condenados por seguirem aquilo que pensam. As pessoas estão a cada dia sendo perseguidas e mutiladas, queimadas, ou, para aqueles que temem o catolicismo, convertidos.

Provavelmente vou estar morto segundos depois que este texto for publicado, mas não temo, pois estou fazendo aquilo que é certo a meu ver. Desde quando o padre diz o que nós devemos pensar ou o que DEUS pensa e sim, para eles uso Seu nome em vão. Não temo.

Sou protestante, sigo aquilo que realmente acredito e vocês, que se dizem a voz da razão, que vão catar coquinho.

Por Ícaro, Saul e Igor Chiarello

(Texto simulando um protestante no século XV criticando a Igreja Católica – com uma licença poética no final.)

Eu apoio fortemente o governo Vargas, quem não o apoia é uma merda. Pode ser um pouco repressor, mas Vargas nunca será injusto. Os que o admiram tem esta maravilhosa e ótima opção governamental.

Aquela droga de comunismo, nós, juntos e unidos, vamos lutar contra essa ideologia ruim até o fim.

(Mensagem em código sugerindo apoio incondicional

ao Estado Novo de Vargas [1937-1945], mas lendo-se o texto saltando de quatro em quatro palavras, a mensagem se altera.)

Eu apoio fortemente o **governo Vargas**, quem não o apoia é **uma merda**. Pode ser um pouco **repressor**, mas Vargas nunca será **injusto**. Os que o admiram **tem** esta maravilhosa e ótima **opção** governamental.

Aquela droga de **comunismo**,

nós, juntos e unidos, **vamos lutar** contra essa ideologia ruim **até o fim**.

(A mensagem se torna uma apologia ao comunismo enquanto alternativa ao governo autoritário de Vargas. Os termos chulos acrescentam motivos para uma possível censura ao texto. Veja: “[O] governo Vargas é uma merda, [é] repressor [e] injusto. Tem [uma] opção: [o] comunismo! Vamos lutar até o fim”.)

Por Laura e Marcelle

Noites de domingo são as melhores horas para se pensar. Sento perto de minha escrivãzinha e começo a refletir o porquê das coisas terem se tornado tão diferentes.

Às vezes lembro dos tempos em que tudo era bem melhor e havia glória. Todos eram educados, tinham postura e eram organizados. Hoje as coisas não são mais as mesmas... nossos escritores e pessoas importantes não são tão especiais como os famosos de minha época.

Ziraldo, Maurício de Souza. Todos são artistas hoje famosos, mas eu discordo.

Imagens do meu passado, onde tudo era correto e organizado, as diferenças não existiam como existem hoje. Eu possuía uma vida boa, com família e ótimo emprego, ainda lembro do meu chefe, Adolfo, o melhor chefe do mundo.

Sei que não posso voltar no tempo, mas daria tudo para voltar ao passado, tomara que em 2012 o mundo acabe mesmo. Dilma não é nada,

nunca vai ser. Este será meu último texto, última declaração, última das últimas, como se eu estivesse à beira da morte.

Mas não vou desistir assim, eu sei que este belo passado nunca voltará, porém eu posso esclarecer tudo neste meu belo texto final.

O fim está próximo, e eu só tenho uma última coisa a escrever, muitos dizem que não gostam, mas aquele jeito, sim, era o melhor. Eu agora irei pronunciar o que sempre pensei: eu apoiava, vou apoiar, EU APOIO.

(Texto em código, simulando a despedida de um veterano nazista escondido no Brasil. As primeiras letras das palavras que abrem cada parágrafo formam “nazismo”, porém o texto faz outras referências, como a mania de organização, o tom conservador, o “chefe Adolfo” e a declaração final “eu apoio”, demonstrando a manutenção da ideologia nazista passados tantos anos. Tema este que aparece como o grande inimigo dos regimes democráticos.)

Por Luisa V., Joaquim e Igor A.



João Pedro

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

Gonçalves Dias, "Canção do exílio"

O Brasil sempre foi o Brasil? A imagem da terra do futebol, das praias e das belas mulheres nem sempre deu cor ao retrato do nosso país. Uma imagem apenas não basta para atender todas as épocas, com seus anseios e necessidades específicas. Com base no poema "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, marco do Romantismo e da literatura nacionalista, e da série de paródias modernistas nele inspiradas, vimos que o Brasil já teve muitas faces. Quantas mais teremos? E foi após pensar nessa pátria-mãe conflituosa e diversa que escrevemos nossas canções, cantando as alegrias e as tristezas que nossos olhos acompanham dia a dia.

*Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
Nossas frutas mais gostosas
Mas custam cem mil réis a dúzia.*

Murilo Mendes, "Canção do exílio"

Canções do Exílio

Minha terra tem florestas,
Florestas que iguais não há
Florestas muito verdes
Onde pássaros irão cantar.
Minha terra tem lagoas
Muitas delas encontro lá,
Lagoas com vários peixes,
Que em outras terras não há.
Minha terra tem liberdade
Que eu não encontro cá,
Lá eu corro pelos campos,

Campos que aqui,
Não consigo encontrar.
Minha terra é gigantesca
Gigante como nenhuma há,
Minha terra é gloriosa
Que saudades tenho de lá.
Meu único desejo agora
É minha terra poder reencontrar
Porque lá tem florestas, lagos, liberdade
Que em outras terras não posso achar.

Por Joaquim Pedro

Que felicidade ao acordar
E ver o sol despontar!
Às vezes, pode até se esconder,
Avisando que talvez vá chover.
Mas, mesmo que esteja chovendo
É muito bom o que estamos vendo
Todos os tempos são bem recebidos
Basta que estejamos bem vividos
Muitos preferem o calor
Pra andar mais à vontade
No frio é preciso usar cobertor
Em outros tempos tem variedade
No verão é sempre quente
E convida ir à praia, muita gente
Nas férias escolhe principalmente,
Os lugares mais lindos e com muito requinte
No inverno é bastante diferente
As geadas, que cobrem a cidade,

Modificam todos os cantos do ambiente
Obrigando a usar gorros e luvas
Em algumas regiões se destaca
Umas sofrem calor e muita seca
Outras com o frio, tem muito gelo,
Os lugares ficam diferentes e belos
Outono, o mês das frutas;
Na primavera, as flores encantam
Temos secas e chuvas, funestas
Às vezes, com destruição, que espanta
Toda época é boa pra viajar
Dependendo do lugar a escolher
Gosto não se discute.
Alguns preferem as matas e outros o mar
Deus criou tudo com sabedoria
Dando a todos muita alegria
Em qualquer lugar, em boa companhia
Basta saber aproveitar, junto com a família.

Por Marina Godoy

Na minha terra
Palmeiras não há
Muito menos um mero sabiá
As aves invisíveis
Voam no ar
Tendo que desviar
Das palmeiras que não há
Relógios têm
Só que cada um com sua hora

Em qualquer instante
Vai despertar
Para nos alegrar
E mandar a tristeza
Pelo ar
Ingrata terra
Ingrato filho
Sob o sol
e a chuva

Da minha terra
Começo a ficar triste
Pois, aqui, alegria não há
Vou embora desta terra
Preciso me alegrar
Senão morrerei de tristeza
Que vem me matar
E a onda da nossa praia
Tenta nos alegrar

Por Igor Chiarello





DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

Sê plural como o universo

Fernando Pessoa

Quantas almas temos? O poeta Fernando Pessoa respondeu esta questão ao longo de sua obra, sem deixar para nós, aflitos leitores, uma mensagem definitiva. Seus heterônimos, outras personalidades criadas dentro de si, tinham nomes, histórias e angústias que nos fazem imaginar ao menos cem homens vivendo no íntimo do poeta.

Em carta a um amigo, Pessoa comenta sobre a criação de todos eles:

"Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa."

Se fôssemos outros, quem seríamos? A lírica pessoana nos convidou a mergulhar no oceano de nós mesmos, encontrando novos "eus"... nossos heterônimos.

Aqui se apresentam alguns, esperamos que gostem de conhecê-los.

Quem sou eu?

Quem sou eu? Ainda não sei, e se eu for mais de uma ou duas pessoas? Se eu quiser?! Quero! Serei agora Nina, Ana, Maria Júlia? Emma por agora, Emma Le Blanc.

Menina sagaz, curiosa, atenta, de pensamento rápido, astuto, nascida em Portugal, criada no Brasil. Magricela, branca azeda, com sardas em baixo dos olhos, na direção do nariz, na altura das bochechas. Cabelo ruivo feito fogo, não sendo comparado ao de ninguém. Com um detalhe magnífico, irrelevante aos olhos.

Olhos com cores diferentes, um (o direito) azul, indefinido, oras cor do fundo do oceano; oras, um azul de desenho animado, um azul quase irreal. O outro, verde claro, limpinho, cor do quarto de

um bebê que acaba de nascer e que os pais não quiseram saber o sexo, verde leitoso.

Bonita? Somente a olhos perspicazes, a homens, não a moleques imaturos. Amor que ultrapassa a beleza exterior, beleza que vem de dentro, beleza que os contemporâneos não apreciam.

Inteligente é pouco para definir o quão inteligente é.

Desde pequena tinha um pé em Einstein. Aprendendo antes que os coleguinhas a escrever e a ler. Aos 4 anos, aprendeu o violino, aos 8, já falava francês, além do Português, claro, e de palavras complexas. Aos 13 anos, estava dois anos adiantada na escola.

Apesar de intelectual, tinha uma paixão seca, louca, incansável, compulsiva, por CAPOEIRA. Quatro anos após seu nascimento, 13/08/1900, Nina foi apresentada à capoeira, desde então, nunca mais a largou. Maria Ana e Cleusa foram as interventoras entre Nina a capoeira.

Assim que Emma chegou ao Brasil, tinha Cleusa como sua babá e Maria Ana como sua amiga. Maria Ana, filha de Cleusa, ia sempre para casa de Emma. Mulatas, de cabelo escuro como a noite e mal cuidados. Nunca sofreram discriminação por parte da família ou de Nina.

Mas como toda boa história, tinha um empecilho nisso tudo: A Avó de Nina. Birrenta, cabeça dura, preconceituosa e, infelizmente, invejosa. Afinal, vazo ruim não quebra. D. Marieta proibia Nina de fazer capoeira, mas essa, por teimoso amor ao que fazia, não ouvira a avó.

- Deixe-me contar minha própria história, Marcelle!
- Não Emma, eu conto! Você nem existe.
- Claro que existo! Eu sou você, eu sou uma você, que você queria ser!

- Conte então! Mas não diga que está com fadiga!
- Posso escrever até a morte traçar o meu caminho.

Depois falamos mais sobre minha arte.

Moro agora em uma fazenda, com um vasto gramado, povoado por animais que amo. Com um racho semicheio, diferente do normal, que geralmente está cheio, mas estamos em tempo de estiagem. Ah, como eu amo quando o rio cheio bate na beira, e faz um som estonteante. Perto do riacho, tem uma Mangueira, com uma copa gorda, verde forte, causando uma grande onda de frescor. Tenho um cavalo, que considero meu melhor amigo. Sei que cavalos não falam, mas eu tenho uma comunicação com o átrio esquerdo, sim, é um nome um tanto ridículo, mas amo ciências, era pequena, resultou nisso.

Essa é uma das partes de minha história, não lhes contarei o resto para deixar um quê de suspense.

Um adeus saudoso, e um cumprimento em seu átrio esquerdo.

Por Emma Le Blanc

Olá, senhorita.
Estou lhe enviando esta saudosa carta para dizer que está tudo bem aqui, pelas minhas redondezas. Queria saber como está o seu reinado, nas terras da feijoada.

Como sinto falta desse prato! Queria que você pedisse a sua ama que me preparasse uma feijoada bem farta! Devo retornar em duas quinzenas

e um dia e estou pensando em trazer esse saboroso quitute para Portugal e, assim, alimentar aqueles que não podem alimentar-se. O que achas?

Esperarei ansiosamente por seu retorno. Não quero pegar esse esnobe sotaque português, rapariga!

Sinto falta de seu sotaque, minha cara!

Desculpas por todas as nossas discussões patéticas, nada é mais importante do que essa nossa bela ligação. Em breve, mandarei uma foto ou um desenho - da árvore perto do rio -, se eu avaliá-lo bem aos teus olhos. Não há lugar mais belo; somente o meu Brasil.

Um doce beijo em sua bochecha rosada,

Emma.

Sou um adolescente de pele morena, cabelo escuro e olhos escuros.

Moro no Rio de Janeiro, nascido e criado nessa cidade cheia de encantos. Para mim, os dois maiores encantos são as mulheres e as praias.

Falando em mulheres, há uma, Carolina, que realmente eu não sei bem o que eu sinto por ela. Desde sempre, ela gosta de mim. Sinto sim algo por ela, mas não me prendo. De verdade, não sou preso a nada, nem a ninguém, vou para onde minha prancha me levar, junto com amigos que eu considero irmãos. Mas até deles, às vezes, eu fujo.

Só tem um problema: eu saio, fico com outras meninas, mas sempre volto para Carolina. Apesar de minha maneira livre de ser, ela é... ela. Ainda assim, me sinto solteiro no Rio de Janeiro.

Não sou um largado de família, só não me encaixo nela; há mais de um ano não falo com meu pai.

Esse sou eu, uma adolescente livre, amante das ondas. Na verdade, não sei bem o que sou ou o que quero, mas há a Carolina ... e muitas outras. Enfim, esse sou eu.

Por Guilherme Freitas

Meu heterônimo é um cara rico. Ele se chama Fortunato.

Ele tem uma mansão - com um jardim enorme - muitos carros blindados, motos e até aviões.

Antes, ele era pobre e depois ele começou a trabalhar como ator; começou a ficar rico com o dinheiro que ganhava. Ele mora em Nova York, às vezes fica em Manhattan, e trabalha em Hollywood.

Fortunato foi ficando bilionário. Casou-se e teve dois filhos.

Depois de um tempo, ele foi ficando trilionário, até se tornar o cara mais rico do mundo.

Começou, então, a largar o emprego, porque já estava rico e famoso. Ele botou toda a grana no cofre e doou algumas partes do dinheiro para os pobres.

Por Pedro Costa

Quem eu sou? Às vezes eu penso, eu sou uma boa filha, modéstia à parte.

Mas não sou a pessoa mais adorável do mundo com quem eu não conheço.

Eu tento, poucos sabem como eu tento. Mas nem sempre eu consigo.

Me sinto mal com o meu corpo, ele não é um dos melhores, muito menos um dos piores.

Meu sorriso não é o mais bonito. Porém eu tenho a melhor família, os melhores amigos. Quando eu amo, é o amor mais puro; quando eu odeio, é o ódio mais rancoroso; eu admito.

Posso não ser a menina mais bonita, mas sou a

mais complicada, bipolar, e marrenta, acredite. Minha história não é a mais emocionante, mas eu a vivi com muita intensidade. Quando eu nasci em 1993, caiu um temporal como o que cai agora, minha mãe, a mulher mais adorável que eu conheço, já devia imaginar que eu não seria a pessoa mais sortuda do mundo. O meu pai a abandonou, eles eram muito novos. Desde então minha mãe leva uma vida dura, e sempre me disse que eu sou como ela, não sei fisicamente, ambas somos loiras, longos cabelos, porém ela tem belos olhos azuis, e eu, claríssimos olhos verdes, ela é alta, eu nem tanto, ela é guerreira, eu tenho medo... medo da vida.

Ela não teve estudo, eu tive e soube aproveitar, sei que para minha mãe foi muito difícil me dar o que ela deu. Agora, entrando na faculdade de psicologia, acho que nunca a vi tão feliz, e a felicidade alheia, principalmente a dela, me deixa feliz. Depois de ter as melhores pessoas do mundo ao meu lado, acho que o que eu mais gosto de fazer é me isolar, ler bons livros, dormir, e ouvir um pouco de Guns'n Roses, Red Hot...

O que eu odeio? Gente falsa, me sentir só, sentir ciúmes, me sentir incapacitada, esse tipo de coisa.

Eu também tenho uma irmã pequena, 6 anos, a minha mãe engravidou dela

Sou como uma sombra
na escuridão
E as lembranças de nós
que ainda tenho
São como a luz
trêmula e distante
Que aqui me mantém

Por Miguel P.

num final de semana em uma cidade pequena, pelo menos o pai paga a pensão e a visita. Eu a admiro, ela tem um olhar profundo, ah, como eu a amo.

Meu dia a dia é cansativo, faço muitas atividades extras, nem todas eu gosto, faço por obrigação.

Eu amo a minha vida, isso basta!

Por Isabella Bittencourt da Costa



DOSSIÊ OS VIGILANTES

A meia noite, todos os agentes e super-humanos saem e prendem qualquer um que saiba mais do que eles.

Bob Dylan, "Desolation Row"

A literatura não possui uma definição clara, suas fronteiras com outras manifestações artísticas são altamente fluidas. Neste caso, teria validade um trabalho com histórias em quadrinho? "Escrito por Alan Moore e ilustrado por Dave Gibbons no final da década de 1980, 'Watchmen' é considerado pela Times como uma das maiores obras de língua inglesa". Pela complexidade e temática diferenciadas, "Watchmen" entra na categoria de "romance visual", hoje um gênero consagrado que se diferencia dos quadrinhos como conhecemos. Seu enredo repleto de referências sobre a Guerra Fria e a questões filosóficas como a segurança e a liberdade, nos lançou ao debate sobre o poder. Se delegarmos certo poder para alguns, perdemos a nossa capacidade de exercê-lo? Como se administra este tipo de relação? Ou melhor, colocando como o próprio Alan Moore: "se os vigilantes nos vigiam, quem vigia os vigilantes?" Tentamos responder a esta pergunta e criar nossos "super-humanos", o que nos lança diretamente à reflexão sobre a vida em sociedade.

O olho que tudo vê

O que posso dizer? Li há algumas semanas a pergunta "Se os vigilantes nos vigiam, quem vigia os vigilantes?", não me recordo bem onde, mas me plantou uma dúvida na cabeça que eu gostaria de compartilhar com vocês. Meu objetivo ao escrever estas palavras é único, responder a essa pergunta – mesmo que me falte uma resposta. Se os vigilantes nos vigiam, quem vigia os vigilantes?

Primeiramente pensei em trocar as palavras

de forma que elas soassem melhor, mas como? Surgiu-me isto: se nosso líder toma conta de nós, quem toma conta dele?

O que em seguida me veio à mente foram os capitães da areia, do livro escrito por Jorge Amado, em que o líder cuidava de todos os outros que, no final das contas, cuidavam dele. Não sei ainda se respondi à pergunta original, mas concluiria assim: os vigilantes são vigiados por aqueles a que vigiam.

Por Antony Rider

Escondido pelos becos da cidade, irreconhecível em qualquer local, aparece nas horas mais

perigosas. Quando se está sendo roubado e o ladrão já correu tão longe que você não consegue

alcançá-lo, de repente lá aparece ele para defendê-lo, deixando o assaltante inconsciente até a polícia chegar.

Ele é o melhor defensor de toda a cidade, ele é o Cidadão: conhecido como o herói, o justiceiro, o vingador, o vigilante. Vestindo apenas um terno, ele rodeia a cidade à noite nos protegendo do mal. Ninguém consegue ver seu rosto, a sombra

da noite o cobre, nos impedindo de identificá-lo.

Muitos perguntam por que o nome "Cidadão". Ele simplesmente é um entre nós, aquele errante na fila do supermercado ou o cara que sentou ao seu lado no balcão da lanchonete. Ele é como nós.

Vigia, nos protege, nos deixa seguros. Ele é o Cidadão.

Por Joaquim Pedro

Quem vigia os vigilantes? Todos temos problemas, até mesmo quem está aqui para resolver nossos problemas, os Vigilantes. E quem resolve os problemas dos Vigilantes? Existe alguém? Quem sabe...

Essa semana, um dos nossos vigilantes confessou que tinha uma pessoa que não trocaria por nada. Procuramos e pedimos informações, mas nada foi divulgado ainda.

Extraído do Jornal, uma semana depois da reportagem.

EXTRA! EXTRA!
CONHECEMOS A "MÃE" DOS VIGILANTES!

Isso mesmo! Nós finalmente conhecemos a pessoa que se diz ser a mãe dos vigilantes!

Agora sim entendemos por que os Vigilantes não têm problemas. A Senhora Perfeita, como eles a chamam, tem solução para tudo! Mesmo sendo chamada de senhora, não tem nada de senhora! Ela é uma mulher jovem e muito atraente. Não é à toa que estão sempre todos muito felizes!

A Sra. Perfeita é chamada de Senhora por respeito, que eles têm muito! Ela chama todos de filhos. Os

Vigilantes a chamam de mãe. Ela é muito sábia, sempre tem a resposta certa e está sempre em função de seus "filhos". E ela também tem o poder de ler e controlar a mente de seus filhos, mas ela só faz isso com as pessoas que querem, e eles sabem que ela não vai fazer mal a eles. Eles confiam na Sra. Perfeita.

Quando os Vigilantes estão irritados porque algo deu errado, ela simplesmente começa a cantar uma música para acalmá-los com sua voz doce. E quando estão tristes, ela canta músicas para alegrá-los. A Senhora Perfeita é um doce, uma mãe, uma irmã, uma amiga. Todos deveriam ter alguém como ela... Quem sabe?

Precisamos de Vigilantes? Hum... Para que existem vigilantes? Para ficarem 24h por dia tomando conta da nossa vida? A sociedade já não é responsável por fazer isso? Ficar controlando a roupa que você usa, se você penteou o cabelo ou não, se você tem algo de errado, se você fala alguma besteira... Estamos um vigiando ao outro o tempo todo, será que precisamos de uma pessoa com super poderes para nos vigiar mais ainda?

Não acredito que precisamos de uma babá, enquanto temos todos à nossa volta controlando tudo o que fazemos.

Por Laura

EXPEDIENTE

Editoria e revisão: Silvana Mansur e Mateus Bertolino

Autoria dos textos: alunos do 9º ano/2012 do colégio Aldeia Curumim

Design e diagramação: Bernardo Nemer

Ilustrações: Ícaro Galvão e Joaquim Pedro

Capa: imagem de “A Moça Tecelã”, livro de Marina Colassanti, com bordados de Ângela, Antônia, Zulma, Marilu, Martha e Sônia Dumont sobre desenhos de Demóstenes Vargas

Colaboração: Mônica Scheer

Apoio institucional: Lucia Cantarino Gonçalves e Marcelo Cantarino Gonçalves



www.aldeiacurumim.com.br



www.aldeiacurumim.com.br